



RESUMOS > COMUNICAÇÕES
Quinta-feira > 19/10 > 16:00-17:30
Sala 2076

Marcela Oliveira > PUC-Rio

O fim da espera sem fim: o teatro de Beckett

Na consideração de Platão sobre a arte, no “Livro X” da República, fora exigido da poesia (especialmente a teatral) que, além de agradável aos sentidos, ela fosse capaz de instruir os homens, cognitivamente e moralmente. Por não responder a tais critérios, a arte terminou banida da cidade ideal. Ainda na antiguidade, Horácio formulou semelhante necessidade de que a arte unisse o útil ao agradável, sendo capaz de instruir e deleitar, ao mesmo tempo. Tal exigência se sustentou por muito tempo. E, mesmo quando se passou a questionar tais “interesses” externos ao âmbito estético, na modernidade, manteve-se a perspectiva do prazer gerado pela conformação artística.

No meio do século XX, o irlandês Samuel Beckett mostrou que a arte era forçada a encarar (caminhando muitas vezes na esfera do desprazer) a falta de sentido dos acontecimentos recentes, que, junto com toda a destruição que causaram, destruíam também a crença na finalidade da história. Se a história não caminha na direção do progresso, a arte não confia mais no encerramento de um sentido que lhe dê sustentação formal e significado conceitual.

Essa comunicação investigará como, na trilogia teatral do pós-guerra ““Esperando Godot””, ““Fim de partida”” e ““Dias felizes””, Beckett apresenta uma espera sem fim – sem finalidade para além das obras, como um sentido para nossa instrução cognitiva ou moral; e sem fim, como um objetivo último a ser almejado pelos personagens no interior das próprias obras, que lhes conferisse completude.

Maria Beatriz Braga Mendonça (Bya Braga) > Universidade Federal de Minas Gerais

Teatro acéfalo: atuação informe como experiência possível para a soberania da arte

Abordamos os fins da arte do teatro sob a perspectiva da teatralidade expandida, especialmente por meio de uma atuação performativa informe, pensada a partir da matriz dionisíaca da metamorfose do ser e também dentro da problematização radical da metáfora do "belo animal" humano, referência ainda vigente para a composição da "obra bem feita" no teatro. Aqui a atuação informe se faz como um ato de excesso na criação, experiência artística que pode levar à soberania da arte. A noção de soberania aqui contemplada se associa a uma filosofia que pode, ainda, ser considerada insólita ou mesmo bizarra: a filosofia proposta por Georges Bataille (1897-1962). Recorremos a ela para diálogos sobre uma arte da cena que não pretende compor personagens e nem possuir como fonte principal de criação a literatura dramática, mas uma arte pautada na experiência do informe, com produção em excesso, problematização da "totalidade" e também da "utilidade" da arte. Portanto, arte cênica possivelmente também bizarra. Parece-nos ser a atuação informe, com a desnaturalização da figura humana, condição importante para as discussões sobre os fins da arte do teatro hoje podendo, inclusive, apontar para outra radicalidade fundamental na expressão estética teatral contemporânea que é a ausência da atuação humana em cena, ou seja, a ausência do ator em um espetáculo teatral, criado somente com objetos e/ou máquinas. Para falarmos do aspecto "acéfalo" do teatro hoje, com a semelhança informe (Georges Didi-Huberman, 2015), elegemos a atuação cênica corporal proposta por Étienne M. Decroux (1898-1991) como experiência sensível e dispositivo paradigmático. Para refletirmos sobre o teatro como não mais, necessariamente, arte do vivo, calcada no antropocentrismo, nos aproximamos das ideias de E. Gordon Craig (1872-1966), sinalizando suas ressonâncias no espetáculo "Stifters Dinge" (2007), de Heiner Goebbels. Tudo isso para indagarmos sobre a possível soberania da arte.

A arte: uma necessidade em Jean-Paul Sartre e Clarice Lispector

Neste trabalho iremos demonstrar como a arte sempre foi uma necessidade em Jean-Paul Sartre e Clarice Lispector. O primeiro recorreu também à filosofia enquanto Clarice Lispector exercitou o ato de filosofar sem desenvolver nenhum tratado. Veremos que o que mais marca a semelhança entre esses dois pensadores é a inserção no mundo artístico que mantiveram durante toda a vida. Sendo assim, a arte, como forma intuitiva de conhecimento, proporcionou a ambos maior compreensão da própria realidade em que estavam inseridos. Clarice Lispector escreveu diversas obras literárias em que as questões existenciais estavam contidas. Além disso, demonstrava ter conhecimento em relação às demais artes. Contudo, por meio de suas telas é que fica evidente sua necessidade da arte. Entendemos que a escritora e pensadora, compreendia que a angústia sentida e vivida pode ser traduzida a fim de proporcionar maior clareza em relação à situação em que cada um está imerso. Da mesma forma, Sartre foi além e conseguiu traduzir a angústia e as demais questões existenciais em obras que foram e são acessíveis mesmo àqueles que nunca tiveram contato com a filosofia. O filósofo francês compreendeu que arte é uma necessidade e um caminho imediato para a compreensão da realidade humana. Por meio de uma "entrega" o sujeito/espectador consegue ter o prazer estético e, ao mesmo tempo, compreender melhor sua própria situação.